



RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EFA, TANQUE NOVO/BA: APONTAMENTOS DE UMA PESQUISA

Laura Maria Batista Silva – CEPAAC/UNEB
Romário Silva Jorge – CETIT/UESB

Resumo

Este trabalho resulta de uma pesquisa de campo que teve como *locus* a Escola Família Agrícola (EFA) de Tanque Novo, Bahia, a qual buscou respostas para a pergunta: Quais sentidos ecoam dos “saberes-experiências” dos professores da EFA, a respeito do modo como as relações de gênero e sexualidade são construídas/trabalhadas na Educação do/no Campo? Na composição da metodologia de trabalho, recorreremos a uma abordagem qualitativa de viés pós-crítico. Para a produção dos dados, realizamos uma roda de conversa com oito professores e aplicamos um questionário *online* com questões abertas e fechadas. Além disso, recorreremos às anotações feitas em diário de campo e registros fotográficos. Entre os resultados, destacamos que mesmo com algumas fragilidades formativas, os professores da EFA tentam problematizar as questões de gênero e sexualidade e criar condições para que seus “laboratórios de aprendizagem” se convertam em um “currículo-alegria”, onde a performatividade e os desejos adquirem o *status* de princípios pedagógicos. Para além de respostas, o estudo traz provocações que “revelam” um campo em aberto, especialmente no que pese à formação inicial e continuada de educadores rurais.

Palavras-chave: Educação do/no campo; saber-experiência; gênero e sexualidade.

INTRODUÇÃO

Os apontamentos da pesquisa que aqui apresentamos resulta de uma investigação feita no curso de Especialização *Lato Sensu* em Educação do Campo (PGEDUCAMPO), ofertado pela UNEB, *Campus XII*, localizada em Guanambi – BA, a qual teve como título: *Relações de gênero e sexualidade nos “saberes-experiência” de professores da EFA, Tanque Novo – BA*, defendida em 2023.

Neste texto, partilhamos alguns dos principais achados, à luz dos aportes teórico-metodológicos que subsidiaram o ato de pesquisar, a saber: a abordagem pós-crítica, os estudos de gênero, os estudos feministas e a teoria *queer*, a partir das contribuições de pesquisadores como Louro (1997), Bondía (2002) e Paraíso (2004).



Discutir sobre os “problemas” de gênero e sexualidade e como eles incidem sobre as relações construídas nas escolas do/no campo ainda é um tabu, posto que vivemos em uma sociedade onde o preconceito e suas formas de exclusão tem ganhado muita força. Nesse sentido, a discussão que ora apresentamos se mostra importante, pois visa contribuir para a promoção de uma educação para a diferença e o desenho de processos formativos que preparem os professores para trabalharem com essas questões.

OBJETIVO

- Investigar o modo como as relações de gênero e sexualidade são construídas e trabalhadas no contexto dos “saberes-experiência” de professores que atuam na EFA de Tanque Novo/BA.

METODOLOGIA

Em sua composição teórico-metodológica, o referido estudo é de natureza qualitativa, inscrevendo-se nos meandros das pesquisas pós-críticas em educação – elas que “[...] não gostam de explicações universais, nem de totalidades, nem de completudes ou plenitudes” (Paraíso, 2004, p. 286).

Para produzirmos os dados, encaminhamos um convite para os professores da EFA de Tanque Novo, com intermédio do diretor, para uma roda de conversa sobre o cotidiano e as práticas de ensino ali existentes, com ênfase para as relações de gênero e sexualidade. A ação (ver figura 1, na página seguinte) ocorreu no dia 25 de março de 2023, em um sábado letivo, à sombra das mangueiras existentes no terreno da escola e teve cerca de duas horas de duração.

A conversa foi audiogravada com o auxílio de celulares e transcrita na íntegra. Os dizeres foram identificados com pseudônimos ligados a flora do Território de Identidade do Sertão Produtivo, a fim de garantir os cuidados éticos. Na leitura flutuante, mapeamos cinco categorias: 1. Motivações para ser da/estar na EFA; 2. O cotidiano dos estudantes no tempo-escola; 3. Construções de gênero e sexualidade; 4. Problematizações didático-pedagógicas; 5. Percepção das fragilidades formativas.



Figura 1: Roda de conversa com professores



Fonte: Acervo da pesquisa, 2023.

Convém informar que aplicamos um questionário com questões abertas e fechadas via *Google Forms*, após transcrição das conversas, a fim de dirimir algumas dúvidas pontuais que surgiram ao longo desse processo. As anotações em diário de campo e registros fotográficos feitos por nós, auxiliaram na produção dos dados e na leitura das múltiplas linguagens expressas no currículo dessa escola no campo.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

No ano em que a pesquisa foi desenvolvida, a escola possuía duas turmas mistas, com 25 estudantes cada uma, e um corpo docente constituído de nove professores, sendo que um deles também exercia a função de diretor. O Quadro 1, na página seguinte, reúne dados que nos permitem visualizar o perfil de oito dos profissionais que colaboraram conosco.

Nota-se que os professores que compõem o corpo docente da EFA de Tanque Novo possuem faixa etária entre 23 e 54 anos de idade, sendo que a maioria deles se autodeclara preto ou pardo (87,5%).



Quadro 1: Perfil dos colaboradores

Pseudônimo	Gênero / Sexualidade	Cor/Raça	Idade	Formação	Tempo de atuação na EFA
Barriguda	Feminino / Heterossexual	Parda	23 anos	Licenciatura em Letras - Língua Inglesa	3 anos
Jurema	Feminino / Heterossexual	Branco	53 anos	Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa	32 anos
Gameleira	Feminino / Heterossexual	Preta	25 anos	Licenciatura em História	5 anos
Mandacaru	Masculino / Heterossexual	Pardo	39 anos	Licenciatura em Letras - Espanhol	20 anos
Juazeiro	Masculino / Heterossexual	Preto	55 anos	Licenciatura em Biologia	22 anos
Umbuzeiro	Masculino / Heterossexual	Preto	49 anos	Bacharelado em Agronomia / Licenciatura em Geografia	3 anos
Ipê	Masculino / Sexualidade não informada	Pardo	25 anos	Ensino Médio Técnico em Agropecuária / Licenciando em Geografia	5 anos
Licurizeiro	Masculino / Sexualidade não informada	Pardo	54 anos	Técnico em Agropecuária / Licenciatura em Pedagogia	22 anos

Fonte: Dados obtidos através de questionário *online*, 2023.

Há cinco homens; três deles se afirmaram heterossexuais e dois preferiram não informar suas identidades sexuais. Conta com três mulheres que se identificam com a heterossexualidade. Com formação inicial nas áreas diversas, esses profissionais atuam nessa escola há mais de três anos e demonstram afetividade com as culturas do meio rural.

Em suas narrativas, afirmaram que escolheram a docência na EFA de Tanque Novo por diversos motivos. De modo geral, tiveram “*Uma proposta de emprego*” (Barriguda, 2023) que oportunizou “*Trabalhar com uma educação voltada para a realidade do campo*” (Jurema, 2023), “*A interação com a Pedagogia da Alternância*” (Umbuzeiro, 2023) e o contato “[...] *com o jovem do meio rural*” (Juazeiro, 2023).



No currículo da EFA, os estudantes transitam por diferentes espaços (sala de aula, sala de informática, refeitório, viveiro, igreja, horta, campo de futebol, dentre outros) que são interpretados como “laboratórios de aprendizagem”, onde os sujeitos convivem uns com os outros e constroem saberes (ver figuras 3 e 4)

Figura 2: Laboratório de aprendizagem (horta)



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Figura 3: Laboratório de aprendizagem (criadouro de galinhas)



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Os professores salientaram que, na escola, “*A convivência é igual a convivência em família*” (Juazeiro, 2023) e que, em meio aos horários e múltiplas tarefas, irrompem desejos, curiosidades, descobertas em torno das relações de gênero e sexualidade, por mais que seja “[...] *proibido namorar dentro da escola*” (Licurizeiro, 2023).



Sobre identidades dissidentes, Ipê (2023) relatou já ter percebido atitudes preconceituosas em que os “trejeitos” de um menino estavam em pauta. Barriguda (2023) confirmou: “[...] *os colegas têm aquelas brincadeiras né? Por exemplo, os meninos. Ah! Não sei o que lá, fulano é veado. Essas brincadeiras assim que talvez acanhe*”. “*Eu falei para eles que têm que respeitar o colega, não pode ficar zombando nem tirando satisfação*” (Ipê, 2023).

Quando perguntamos se há alguma disciplina ou conteúdo que permite uma abordagem sobre o assunto, Licurizeiro (2023) trouxe o seguinte:

[...] não tem aqui, por exemplo, uma matéria específica da questão da sexualidade do aluno. Mas a gente também não deixa de falar para eles [...]. Trabalha nos serões, aula extra, inclusive mesmo ano passado eu trabalhei a questão de um tema, com sexualidade [...]. Então eles tiveram muitas descobertas.

Barriguda (2023) explicitou que se sente constrangida quando precisa falar sobre o assunto: “*Você sente que qualquer coisa que você falar pode ofender, sente que tá pisando em ovos, qualquer coisinha [...] pode ser errado ou pode mexer com o psicológico da pessoa*”. Os demais professores partilham dessa sensação, e desabafam: “[...] *específico para isso, não tem nenhuma formação e nem orientação*” (Jurema, 2023).

CONCLUSÕES

Urge pensar contextos formativos para a Educação do e no Campo que, além de cuidar da qualificação de sujeitos para a reconstrução de outra lógica de agricultura e emancipação sociopolítica, também prevejam uma problematização das desigualdades que cercam as relações de gênero e sexualidade no meio rural.

REFERÊNCIAS

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n 19, jan./fev./mar./abr. 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 122, p. 283-303, maio/ago. 2004.

XXI SEMANA ACADÊMICA

25 a 27
setembro
2024



POR UMA
UNIVERSIDADE
PÚBLICA,
DIVERSA E
INCLUSIVA

DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

NUPE
Núcleo de Pesquisas
e Estudos

VERGUTZ, Cristina Luisa Bencke; CAVALCANTE, Ludmila Oliveira Holanda. As aprendizagens na pedagogia da alternância e na educação do campo. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.22, n.2, p.371-390, jul./dez. 2014.